

ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO APLICADO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AGROECOLOGIA

Rodolfo Antônio de Figueiredo*
rodolfo@ufscar.br
Paulo Rogério da Silva**
paulo.tarabai@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo a geração de uma compreensão mais aprofundada sobre o conceito de natureza a partir das contribuições de filósofos representativos dos três momentos da filosofia ocidental: metafísica, científica e dialética. Esse estudo procura auxiliar profissionais das áreas de educação ambiental e de agroecologia, que com tal conhecimento poderão melhor embasar seu trabalho. Os resultados indicaram que as concepções de natureza presentes no âmbito tanto da expressão filosófica metafísica como dialética coadunam com os campos da educação ambiental e da agroecologia, devendo ser evitada por profissionais dessas áreas a concepção moderna, cartesiana e positivista de natureza e sociedade presente no âmbito da expressão filosófica científica.

Palavras-chave: natureza; ambiente; educação; filosofia.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade moderna está às voltas com uma crise ambiental sem precedentes e que coloca em risco a própria permanência das sociedades humanas no planeta. Bronfenbrenner (2011, p. 37) atesta que

as grandes mudanças sociais que ocorreram recentemente nas modernas sociedades industrializadas, especialmente nos Estados Unidos, podem ter modificado tão drasticamente as condições ambientais que conduzem o desenvolvimento humano a tal ponto que o processo de tornar os seres humanos mais humanos pode estar em perigo.

Segundo Layrargues (2002, p. 1), em resposta a essa crise, surge o “ambientalismo, movimento social e histórico que teve origens a partir da constatação de uma crise civilizacional de feição ambiental”.

Como expressões do ambientalismo nos campos educacional e agrário, surgem duas áreas de atuação: a educação ambiental e a agroecologia. Essas são áreas emergentes e em construção, apresentando como principais características a inter e transdisciplinaridade, a

* Mestre e Doutor em Ecologia, Professor Associado do Departamento de Ciências Ambientais (DCAm) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil.

** Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor na rede pública de São Carlos-SP e professor-tutor no Ensino Superior (graduação e pós-graduação *lato sensu*), Brasil.

multirreferencialidade e a transversalidade em relação a outros campos do saber, tendo a natureza como seu principal conceito norteador (CAPORAL; COSTABEBER, 2004; GAUDIANO, 2005).

O conceito de natureza, no entanto, não é único. Layrargues (2002) pontua que existem formas diferentes, e divergentes, de compreender tal conceito e, conseqüentemente, de embasar o desenvolvimento da atuação prática. Para ele, uma forma tem por ideologia “conservar os valores e a visão de mundo dominantes no grupo social”, enquanto a outra procurará “alterar os valores e a visão de mundo dominantes no grupo social” (LAYRARGUES, 2002, p. 21). Assim sendo, o ambientalismo para uma corrente irá basear suas ações na constatação de que “o problema ambiental é decorrente de falhas na interação entre o ‘homem’ e a natureza: a natureza é agredida pelo homem, por intermédio de uma cultura que opõe sociedade de natureza”, enquanto a outra considerará que “o problema ambiental é uma manifestação de conflitos de interesses entre os próprios homens: o meio ambiente é explorado por ações produtivas e mercantis” (LAYRARGUES, 2002, p. 21).

Por existir essa diversidade de concepções de natureza, as áreas de educação ambiental e de agroecologia se tornam particularmente complexas e palco de constantes conflitos entre as pessoas que nelas atuam.

Nos últimos anos, em especial na América Latina, a educação ambiental e a agroecologia estão se consolidando como áreas científicas e acadêmicas; e este fato pode ser percebido pelo aumento de cursos (técnicos, superiores, pós-graduação), assim como de publicações científicas (SATO; CARVALHO, 2008; BORSATTO; DO CARMO; 2012). Apesar disso, são constantes as interpretações de que estas são ciências novas e que, por esta razão, seus conceitos bases ainda não estão completamente consolidados. Essa indefinição conceitual leva a uma divergência de interpretações da crise ambiental e de ações nas áreas de educação ambiental e de agroecologia, causando conflitos e insegurança entre as pessoas que atuam nessas áreas (REIGOTA, 2001; WEZEL et al., 2009).

A educação ambiental e a agroecologia são áreas voltadas para a formação da cidadania ativa e planetária e se constituem em importantes instrumentos que contribuem para a gestação de relações sustentáveis, em qualquer que seja o espaço, entre as sociedades humanas e a natureza (CARVALHO, 2001). A atuação dessas áreas, portanto, é de grande relevância para a superação da crise ambiental.

Segundo Pechula (2007), Marc Sautet, um dos fundadores de uma nova área de atuação, essa dentro do campo da Filosofia – o Aconselhamento Filosófico – “propõe que a prática filosófica – no bar, no consultório, em seminários ou assessorias – pode possibilitar

uma pertinente reflexão a respeito da realidade atual e, quiçá, conseguir direcionar para respostas ou soluções dos problemas humanos que a ciência e a técnica não foram capazes de oferecer”. A autora também indica que Sautet “recomenda aos chefes de Estado, que prometem encontrar a solução para os flagelos atuais, que leiam Platão ou que ‘mandem seus emissários a Delfos – para ali consultar(em) a pítia” (PECHULA, 2007, p. 35).

Assim sendo, o Aconselhamento Filosófico apresenta forte potencialidade para contribuir com as áreas de educação ambiental e de agroecologia, ao se debruçar sobre a questão ambiental e, mais especificamente, contribuir para com a emergência de uma maior clareza conceitual do que seja natureza. E, ao fazê-lo, o Aconselhamento Filosófico poderá fortalecer nas pessoas que atuam nessas áreas suas bases conceituais e éticas através dos ensinamentos proporcionados por filósofos que refletiram sobre o que seja natureza e, eventualmente, ética ambiental. Segundo Menezes (2011, p. 119), o Aconselhamento Filosófico poderá proporcionar

um apoio à (re)formulação desses problemas, à (re)colocação de questões, à organização crítica de crenças, ao questionamento axiológico, à ampliação do patrimônio conceptual, ao desenvolvimento das capacidades lógico-argumentativas, ao exercício de competências interpretativas e de contextualização, etc.

Considerando o exposto acima, as justificativas para a realização do estudo aqui proposto são: a inexistência de pesquisas similares relacionando aconselhamento filosófico, educação ambiental e agroecologia; o levantamento dos filósofos clássicos e suas principais ideias sobre natureza poderá fortalecer a base reflexiva das pessoas que atuam nas áreas de educação ambiental e de agroecologia; e a reflexão sobre as contribuições de filósofos que pensaram a questão da natureza poderá apontar as suas potencialidades na atuação em educação ambiental e agroecologia, assim como as fragilidades que ainda necessitam serem superadas.

O objetivo principal do presente estudo é gerar uma compreensão mais aprofundada sobre o conceito de natureza a partir das contribuições dos filósofos ocidentais. Os objetivos específicos são: identificar quais filósofos ocidentais abordaram o tema “natureza”, quais concepções de natureza são delineadas por tais filósofos e quais são as similaridades e diferenças entre tais concepções de natureza.

A metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica. Os passos metodológicos seguiram Lima e Mioto (2007, p 41), segundo os quais a pesquisa bibliográfica gerará um “produto final do processo de investigação, resultante da análise e reflexão dos documentos”. Desta maneira, foram dois os momentos utilizados na coleta de dados: o levantamento da

bibliografia e o levantamento das informações contidas na bibliografia. Para o levantamento da bibliografia foram buscados textos de filósofos ocidentais que refletiram sobre o tema “natureza”, textos estes impressos ou disponíveis virtualmente. Para o levantamento das informações contidas na bibliografia, os textos levantados foram analisados e as concepções de natureza expostas por esses filósofos foram determinadas. Os dados levantados passaram, então, por uma reflexão e síntese integradora, procurando as similaridades e as diferenças da compreensão da natureza nos diferentes modos de expressão da filosofia no Ocidente, que segundo Severino (2007, p. 75) são: a metafísica, a ciência e a dialética.

O levantamento bibliográfico realizado identificou sete importantes filósofos que abordaram o tema natureza ao longo da história ocidental. Esses filósofos são: Aristóteles, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino (relativos à expressão filosófica metafísica); Francis Bacon e René Descartes (relativos à expressão filosófica científica); e Friedrich Engels e Karl Marx (relativos à expressão filosófica dialética). As ideias básicas desses filósofos serão a seguir analisadas com vistas a determinar suas concepções de natureza.

2 A NATUREZA NA EXPRESSÃO FILOSÓFICA METAFÍSICA

Aristóteles (427-347 a.C.) teceu considerações sobre os mais variados aspectos da vida em sociedade, assim como também sobre diferentes aspectos da natureza. Sua formação como médico, seguindo os passos do seu pai, possivelmente o fez ser um dos mais importantes filósofos clássicos a refletir sobre questões naturais. Aristóteles indica que a natureza tem um papel relevante na formação do ser humano, mas que ela não é determinante no que diz respeito à vida ética. Nas palavras do filósofo: “we have the faculties by nature, but we are not made good or bad by nature”¹ (ARISTÓTELES, 1999, p. 26). Assim sendo, é o ser humano que deve buscar a existência ética através do equilíbrio: “we have previously said that one ought to choose that which is intermediate, not the excess nor the defect”² (ARISTÓTELES, 1999, p. 91). E, que essa existência tem de se dar em comunidade: “surely it is strange, too, to make the supremely happy man a solitary; for no one would choose the whole world on condition of being alone, since man is a political creature and one whose nature is to live with others”³ (ARISTÓTELES, 1999, p. 158).

¹ Tradução nossa: Nós temos as faculdades por natureza, mas nós não somos bons ou maus por natureza.

² Tradução nossa: Nós dissemos previamente que alguém deve escolher o que é intermediário, não o excesso em a falta.

³ Tradução nossa: Certamente é estranho, também, fazer o ser humano supremamente feliz um solitário, pois ninguém escolheria o mundo todo na condição de ser sozinho, uma vez que o ser humano é uma criatura política

Segundo Marcondes (2006), a natureza, assim como o ser humano como dela fazendo intrínseca parte, é vista por Aristóteles como tendente a alcançar uma condição superior, a se realizar de uma forma superior. Essa tendência seria imanente aos entes naturais e os levariam ao seu *telos*, ao seu objetivo enquanto ente natural. Considerando especificamente o ser humano, Aristóteles (1999) indica que a condição superior seria alcançada a partir de uma vida moderada, sem restrições, mas também sem excessos, o que ele identifica como o exercício da ética. A capacidade humana de interferir na natureza deveria ser balizada pela ética, entendida como o equilíbrio necessário para trazer a felicidade aos seres humanos.

Para os campos da educação ambiental e da agroecologia, a compreensão de Aristóteles do ser humano estar integrado à natureza é de grande valor, uma vez que esse campo do conhecimento pretende sensibilizar as pessoas a uma nova forma de interação com os elementos naturais e sociais presentes em suas vidas. Também, a compreensão de Aristóteles do equilíbrio e harmonia que a natureza, e nela o ser humano, devem ter para alcançar seus objetivos e condições superiores (MARCONDES, 2006), é de grande importância. A capacidade técnica do ser humano em intervir na natureza não pode seguir princípios ditos neutros ou em função de aumento de lucro, produção e consumo, mas sim em primeiro lugar colocar em questão o bem-estar e a felicidade humana.

Santo Agostinho (354-430) retomou ideias de Platão para dar à fé cristã uma argumentação lógica. Para esse filósofo, é a ação humana que permite uma vida equilibrada e ética, no entanto ela necessita da ajuda divina para tal: “if there is in your nature any eminent virtue, only by true piety is it purged and perfected, while by impiety it is wrecked and punished. Choose now what you will pursue, that your praise may be not in yourself, but in the true God, in whom is no error”⁴ (AGOSTINHO, s/d.).

Toda a natureza é criação divina e está em Deus, devendo ser respeitada:

They may observe that if God is the soul of the world, and the world is as a body to Him, who is the soul, He must be one living being consisting of soul and body, and that this same God is a kind of womb of nature containing all things in Himself, so that the lives and souls of all living things are taken, according to the manner of each one's birth, out of His soul which vivifies that whole mass, and therefore nothing at all remains which is not a part of God⁵ (AGOSTINHO, s/d).

e alguém cuja natureza é viver com outros.

⁴ Tradução nossa: Se existe em sua natureza uma virtude eminente, somente através da piedade verdadeira ela é purgada e aperfeiçoada, enquanto que por impiedade ela é arruinada e punida. Escolha agora o que você irá perseguir, que seu louvor não será você mesmo, mas no Deus verdadeiro, em quem não há nenhum erro.

⁵ Tradução nossa: Eles poderão observar que se Deus é a alma do mundo, e o mundo é como um corpo para Ele, que é a alma, Ele deve ser um ser vivo consistindo de alma e corpo, que esse mesmo Deus é um tipo de ventre da natureza contendo todas as coisas em Si mesmo, de tal forma que as vidas e as almas de todas as coisas vivas são tomadas de acordo com a maneira de nascimento de cada um, fora de Sua alma que vivifica aquela massa toda, e

São Tomás de Aquino (1227-1274) retomará Aristóteles para dar continuidade à visão da Igreja Católica sobre a natureza e o ser humano. Ele indicará que a inteligência humana é limitada para compreender perfeitamente a complexidade do universo: “mas o nosso conhecimento é tão limitado que nenhum filósofo até hoje conseguiu perfeitamente investigar a natureza de uma só mosca” (AQUINO, 2004, p. 6). O conhecimento completo, portanto, somente pode ser dado por Deus: “Portanto, seria tolo o filósofo que não acreditasse nas coisas ditas pelos Anjos. Ele seria muito mais tolo se não acreditasse nas coisas ditas por Deus” (AQUINO, 2004, p. 6). São Tomás de Aquino vê uma ordem na natureza que independe do ser humano e que é sagrada: “tudo se processa a seu tempo, com ordem. Vemos o sol, a lua e as estrelas, e muitos outros elementos da natureza obedecerem a um determinado curso” (AQUINO, 2004, p. 9).

As contribuições de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino para a educação ambiental e para a agroecologia estão relacionadas à consideração da natureza como obra divina e sagrada. Neste sentido, o mundo material e os seres humanos não podem ser manipulados, pois são frutos da racionalidade divina e, portanto, merecem absoluto respeito. Santo Agostinho compreendia que a natureza e suas respectivas leis são frutos de uma criação divina e, portanto, são intrinsecamente e eternamente bons (CULLETON, 2006). São Tomás de Aquino também compreende a natureza como virtuosa e insere a questão de que ela foi criada por Deus com um sentido racional, sendo que “a natureza é a razão e medida do homem” (CULLETON, 2006, p. 47).

3 A NATUREZA NA EXPRESSÃO FILOSÓFICA CIENTÍFICA

Francis Bacon (1561-1626) foi um dos importantes filósofos a romper com a visão metafísica teológica e instaurar o cosmoctrismo, o antropocentrismo e a ciência como a nova base para compreender e atuar no mundo. Na história “Nova Atlântida”, Bacon estabelece o domínio do ser humano sobre a divindade e sobre a natureza: “the end of our foundation is the knowledge of causes, and secret motions of things; and the enlarging of the bounds of human empire, to the effecting of all things possible” (BACON, 2000, p. 24). A natureza é vista como um adversário a ser estudado e vencido: “ninguém poderá governar ou transformar a natureza antes de havê-lo devidamente notado e compreendido” e “aqueles dentre os mortais, mais animados e interessados, não no uso presente das descobertas já feitas, então nada mais resta que não seja parte de Deus.

mas em ir mais além; que estejam preocupados, não com a vitória sobre os adversários por meio de argumentos, mas na vitória sobre a natureza, pela ação” (BACON, s/d, p. 89, p. 5).

René Descartes (1596-1650), ao estabelecer o método científico, no qual separa o todo em partes para estudo individualizado, rompe com a unidade da natureza, a descomplexifica, a desencanta, a reduz. Nas palavras do filósofo: “dividir cada uma das dificuldades que devesse examinar em tantas partes quanto possível e necessário para resolvê-las” (DESCARTES, 2000, p. 31) e “se compreendemos perfeitamente uma questão, devemos abstraí-la de todo conceito supérfluo, reduzi-la à maior simplicidade e dividi-la em partes tão pequenas quanto seja possível, enumerando-as” (DESCARTES, 2000, p. 117). Além disso, Descartes institui a matemática como o modelo a que deve seguir o conhecimento da natureza:

Dessas considerações se infere claramente por que a aritmética e a geometria são muito mais certas que as outras disciplinas, a saber: só elas versam acerca de um objeto tão puro e simples que não faz falta admitir absolutamente nada que a experiência torne incerta, e que consistem inteiramente num conjunto de conseqüências que são deduzidas pelo raciocínio (DESCARTES, 2000, p. 77).

A separação ser humano-natureza ocorre com o advento da ciência moderna, e esse fato é importante para que as pessoas que atuam com educação ambiental e com agroecologia possam refletir sobre a sua própria produção de conhecimento. Se esses profissionais utilizam a metodologia cartesiana, positivista, certamente os resultados estarão relacionados a um aprofundamento da crise socioambiental. Severino (2006) indica que Bacon estabelece uma nova relação do ser humano com a natureza: não mais a de contemplação e respeito, mas sim a de dominação e manejo para seu próprio proveito. Além disso, Grün (2006) indica que Descartes também fez com que a tradição e o passado, ou seja, o local e a história, fossem desconsideradas para o conhecimento do mundo. Natureza e ser humano, portanto, são separados: um é objeto e outro é o sujeito que a compreende através da razão e a manipula através da técnica.

4 A NATUREZA NA EXPRESSÃO FILOSÓFICA DIALÉTICA

Friedrich Engels (1820-1895) e Karl Marx (1818-1883) elaboraram as teorias do materialismo histórico, indicando que cada etapa da história não é estática e definitiva, mas transitória e pode ser transformada pela ação humana. A concepção de natureza desses

pensadores inclui a sociedade humana. Assim sendo, a natureza é uma unidade dialética, complexa e dinâmica, entre aspectos biológicos, físicos e sociais.

Friedrich Engels assume a teoria da evolução darwiniana ao explicar a origem do ser humano, como parte intrínseca da natureza, mas avança no sentido de incluir a construção social, distanciando o ser humano dos outros seres vivos (ENGELS, 1876). Nas palavras do filósofo:

Resumindo: só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modificá-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que, mais uma vez, resulta do trabalho (ENGELS, 1876, p. 22).

Karl Marx entende a natureza e a sociedade humana em uma relação dialética, onde uma não pode existir sem a outra. “Portanto, a sociedade é a unidade essencial completada (*vollendete*) do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem e o humanismo da natureza levado a efeito” (MARX, 2010, p. 107)

Segundo Loureiro (2006, p. 122), a obra de Karl Marx é “indispensável aos que almejam uma sociedade socialmente justa, culturalmente diversa e ecologicamente viável”. Engels e Marx nos ajudam a romper com a lógica moderna, inserindo a importância das pessoas na transformação da história. O local passa a ter importância e a ação das pessoas em comunidade é a mola transformadora da realidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou compreender melhor as concepções de natureza ao longo da história ocidental, mostrando que a ruptura entre ser humano e natureza ocorreu em um momento específico, quando a ciência moderna foi concebida (âmbito da expressão filosófica científica).

Na expressão filosófica metafísica, o ser humano é percebido como parte integrante da natureza, tendo para com ela uma atitude de prudência e comedimento ao utilizar seus recursos. Na Idade Média, tanto o ser humano como a natureza são vistos como obra de Deus. Assim sendo, também o respeito à natureza é incentivado pois está por Deus abarcada e protegida.

A expressão filosófica científica, no entanto, separa ser humano e natureza, não mais restando qualquer amarra para que ela seja utilizada de forma desmedida para o proveito

humano. Os próprios seres humanos passaram a ser vistos como objetos para possibilitar o modo de produção capitalista, que na essência é produtivista e consumista. Esse modo de vida, na qual natureza e seres humanos são considerados objetos para o aumento dos nichos capitalistas e de lucro, é o que levou à grave crise socioambiental que a humanidade está vivenciando na atualidade.

A expressão filosófica dialética volta a considerar a natureza como indissociada do ser humano, sendo que as sociedades humanas com ela estão em relação dialética e ambas, natureza e sociedade, necessitam uma da outra para sua existência.

A superação dessa relação fragmentada entre ser humano e natureza, que se tornou crítica e insustentável a partir da modernidade, passa pelas sociedades voltarem a entender tanto o ser humano como a natureza como entes sagrados (âmbito da expressão filosófica metafísica) e em relação dialética, cabendo à ação humana uma importância fundamental na transformação do mundo (âmbito da expressão filosófica dialética).

As pessoas que se dedicam aos campos da educação ambiental e da agroecologia devem refletir criticamente sobre suas bases epistemológicas de atuação, uma vez que esses campos são atualmente apropriados por diferentes grupos e suas orientações teóricas e práticas estão em constante disputa. A partir da análise de filósofos exemplares dos diferentes momentos da história ocidental, foi possível verificar que os atinentes às expressões filosóficas metafísica e dialética são os que melhor podem contribuir para uma atuação significativa nas áreas de educação ambiental e de agroecologia.

AGRADECIMENTOS

O presente artigo foi elaborado no âmbito do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Aconselhamento Filosófico do Claretiano – Centro Universitário. Os autores agradecem a dois revisores anônimos a leitura crítica e as sugestões que aprimoraram a versão preliminar deste artigo.

PHILOSOPHICAL COUNSELING APPLIED TO ENVIRONMENTAL EDUCATION AND AGROECOLOGY

ABSTRACT

This article aims to generate a deeper understanding of the concept of nature from the contributions of representative philosophers of the three moments of Western philosophy: metaphysics, science and dialectic. This study seeks to assist professionals in environmental education and agroecology that with such knowledge may better to base their work. The results indicated that the nature of conceptions present within both the metaphysics and dialectic philosophical expression are in accordance with the fields of environmental education and agroecology and should be avoided by professionals in these areas the Cartesian and positivist conception of nature present in the scientific philosophical expression.

Keywords: nature; environment; education; philosophy.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **City of God**. Edinburgh: T&T Clark, s/d. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=3690>. Acesso em: 18 abr. 2018.

AQUINO, S. T. **Sermão sobre o credo**. Rio de Janeiro: Worldpress, 2004. Disponível em:

<<https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/credo.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ARISTÓTELES. **Nicomachean ethics**. Kitchener: Batoche Books, 1999. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=4316>. Acesso em: 18 abr. 2018.

BACON, F. **The new Atlantis**. Champaign, USA: Project Gutenberg, 2000. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu002434.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

BACON, F. **Novum organum**: ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. Sem data. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2278>. Acesso em: 18 abr. 2018.

BORSATTO, R. S.; DO CARMO, M. S. Agroecologia e sua epistemologia. **Interciência**, v. 37, n. 9, p.711-716, 2012.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CARVALHO, I. C. M. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 2, n. 2, p. 43-51, 2001.

CULLETON, A. Santo Agostinho e São Tomás: a filosofia da natureza na Idade Média. In: CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. **Pensar o ambiente**: bases filosóficas para a educação ambiental. Brasília: Ministério da Educação, 2006, pp. 43-48.

DESCARTES, R. **Discurso do método. Regras para a direção do espírito.** São Paulo: Martin Claret, 2000.

ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** 1876 (versão digital em 1999). Disponível em:
<<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macaco.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

GAUDIANO, E. G. **Educação ambiental.** Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

GRÜN, M. Descartes, historicidade e educação ambiental. In: CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.** Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 61-75.

LAYRARGUES, P. P. A crise ambiental e suas implicações na educação. In: QUINTAS, J. S. (Org.). **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente.** 2ª ed. Brasília: IBAMA, 2002, p. 159-196.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007.

LOUREIRO, F. Karl Marx: história, crítica e transformação social na unidade dialética da natureza. In: CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.** Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 121-133.

MARCONDES, D. Aristóteles: ética, ser humano e natureza. In: CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.** Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 33-42.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2010.

MENEZES, F. M. A ideia geral do “Aconselhamento Filosófico”: uma introdução ao tema. **Revista Filosófica de Coimbra**, n. 39, p. 101-140, 2011.

PECHULA, M. A. **A filosofia e seus usos: crítica e acomodação.** 196 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, 2007.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental.** São Paulo; Brasiliense; 2001.

SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: pesquisa e desafios.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

SEVERINO, A. J. Bacon: a ciência como conhecimento e domínio da natureza. In: CARVALHO, I. C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.** Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 49-59.

SEVERINO, A. J. **Filosofia.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D.; DAVID, C.
Agroecology as a science, a movement or a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, v. 29, p. 503-515, 2009.

Recebido em 02 de março de 2018. Aprovado em 18 de abril de 2018.